



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA - UAPSI
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GRACIELA DE ANDRADE BESSA

**A IMPORTÂNCIA DA SUPERVISÃO NA FORMAÇÃO DO
PSICÓLOGO: ESTADO DA ARTE**

CAMPINA GRANDE – PB
2017

GRACIELA DE ANDRADE BESSA

**A IMPORTÂNCIA DA SUPERVISÃO NA FORMAÇÃO DO
PSICÓLOGO: ESTADO DA ARTE**

Trabalho apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande/PB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

B557i

Bessa, Graciela de Andrade.

A importância da Supervisão na Formação do Psicólogo: estado da arte/Graciela de Andrade Bessa. – Campina Grande, PB: O autor, 2017.

25 f.. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Regina Lígia Wanderlei de Azevedo, Dr.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Supervisão. 2. Estágio. 3. Formação. 4. Psicologia. I Azevedo, Regina Lígia Wanderlei de (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9 (813.3)

GRACIELA DE ANDRADE BESSA

**A IMPORTÂNCIA DA SUPERVISÃO NA FORMAÇÃO DO
PSICÓLOGO**

APROVADO EM: 28 / 08 / 2017

NOTA: 10 (dez)

BANCA EXAMINADORA

Regina Lígia Wanderlei de Azevedo.

Profª Dra. Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

Orientadora

Virginia Teles Carneiro

Profª Dra. Virginia Teles Carneiro

Examinadora

Flávio Lúcio Almeida Lima.

Prof. Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima

Examinador

RESUMO

A formação em Psicologia implica, para além de disciplinas teóricas, a articulação entre teoria e prática, por meio dos estágios supervisionados. É na supervisão que são trabalhados aspectos fundamentais, como a necessidade do estagiário desenvolver uma atitude profissional. A partir desta perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão da literatura acerca da importância da supervisão na formação profissional do Psicólogo. Destarte, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo da bibliografia acerca do assunto, sendo utilizada a base de dados Scielo, Lillacs, PePsic, bem como livros. Os registros trazem os diferentes olhares acerca da orientação, bem como sua forma de manejo, apontando elementos facilitadores e dificuldades presentes no âmbito dos estágios em Psicologia. Por fim, conclui-se, que ainda que não haja um modelo ideal de orientação e supervisão de, ela é um dos principais pilares na prática de estágio, juntamente com ela foi percebida a importância da teoria e dos estagiários estarem em processo de psicoterapia.

Palavras-chave: Supervisão. Estágio. Formação. Psicologia.

ABSTRACT

THE IMPORTANCE OF SUPERVISION IN THE FORMATION OF THE PSYCHOLOGIST: STATE OF ART

Psychology training implies, in addition to theoretical disciplines, the articulation between theory and practice through the supervised stages. It is in supervision that fundamental aspects are worked out, such as the need for the trainee to develop a professional attitude. From this perspective, the present work had the objective of reviewing the literature about the importance of supervision in the professional formation of the Psychologist. Thus, an exploratory and descriptive study of the bibliography about the subject was carried out, using the Scielo, Lillacs, PePsic database, as well as books. The registers bring the different perspectives about the orientation, as well as its management, pointing out the facilitating elements and difficulties present in the scope of the Psychology internships. Finally, it is concluded that although there is an ideal model of orientation and supervision, it is one of the main pillars in the practice of internship, along with it was realized the importance of theory and the trainees are in the process of psychotherapy.

Keywords: Supervision. Internship. Formation. Psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	8
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERENCIAS.....	

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Um dos aspectos mais importantes na formação do profissional de Psicologia, é a competência técnica e científica desenvolvida no decorrer do curso. Neste enfoque, é no final do curso que surgem os estágios específicos e conseqüentemente práticas mais focadas nas diversas áreas e campos de atuação, momento este em que o estudante busca o caminho a ser seguido na sua prática profissional. Tendo como ponto de reflexão esta formação acadêmica, surgiu a necessidade de discutir acerca da importância e do papel do supervisor de estágio nos mais variados campos de atuação.

Verifica-se a importância e relevância deste trabalho, haja vista ser considerado um veículo de informação para muitas universidades acerca dos aspectos laborais dos docentes do presente curso, podendo servir de base para planejamentos e mudanças em cursos e universidades.

Além disso, o presente estudo, passa a ser um veículo de informação também no âmbito social, pois facilita a população em geral que tenha o desejo de fazer uma graduação em Psicologia, escolher um curso de qualidade, compreendendo como se dá a formação profissional, sobretudo quais os caminhos percorridos pelos supervisores de estágios nessa meta de trazer para sociedade profissionais qualificados.

Destarte, percebe-se a importância deste estudo ser colocado em prática, sendo um referencial no âmbito das Universidades de Psicologia. Assim, esta pesquisa, trará para as Universidades a oportunidade de liberdade e transparência do funcionamento e metodologia proposta pelo curso, recebendo assim uma maior visibilidade e respeito no âmbito social, científico e institucional.

Neste enfoque, o presente estudo teve como objetivo, realizar uma revisão da literatura acerca da importância da supervisão na formação profissional do Psicólogo.

REFERENCIAL TEÓRICO

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Desde o princípio, a formação em Psicologia implica, para além de disciplinas teóricas, a articulação entre teoria e prática, por meio dos estágios supervisionados (Sei & Paiva, 2011). É na supervisão que são trabalhados aspectos fundamentais, como a necessidade de o estagiário desenvolver uma atitude clínica; o enquadramento do trabalho que será realizado pelo estagiário, e, por fim, a contribuição da supervisão para construir a identidade profissional do futuro psicólogo (Aguirre, 2000). A supervisão busca, portanto, resguardar a qualidade do atendimento, mas também permite ao estagiário, trazer seus medos quanto ao atendimento realizado, articular os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação e escutar as experiências dos colegas, possibilitando a partir disto, um aprendizado (Witter, 2006 apud Sei & Paiva 2001).

Nesse contexto, a supervisão dos estágios em Psicologia, realizados nos serviços-escola, é um dos importantes pilares que sustentam o campo de formação do futuro psicólogo. Há uma literatura variada a respeito do tema, e isso acontece principalmente pelas divergências entre as abordagens, o que torna a descrição do processo de supervisão, uma tarefa complexa. Cada abordagem pode trazer ênfase a elementos diferentes, envolvidos no processo de supervisão, sejam eles aspectos de aprendizado ou relacionamento entre supervisor e supervisionando. (Oliveira, Pereira, Peixoto, Rocha, Oliveira-Monteiro, Macedo, & Silvares, 2014).

Sendo assim, pode-se ilustrar a forma de manejo de cada abordagem, frente ao processo de supervisão, trazendo que, por exemplo, autores ligados à Logoterapia trazem uma compreensão da existência, podendo haver uma identificação da dimensão noética e espiritual do sujeito (Moreira & Holanda, 2010). Já a Abordagem Centrada na Pessoa, envolve para além dos ensinamentos básicos, fazendo com que cada estagiário olhe para dentro de si, e veja o vínculo com o cliente e com o supervisor, como elementos fundamentais para sua prática terapêutica (Tambara, Freire & Bozarth, 1999). Ao que concerne à Psicanálise, o desafio da supervisão, bem como da abordagem, é exatamente fugir de um saber padronizado e preestabelecido em relação ao outro, evitando a “exigência” que implica o contato com o padecimento psíquico (Macedo & Dockhorn, 2009, apud Oliveira et al, 2014). Em relação ao âmbito social, a supervisão se dá através de planejamentos, para que possa ser realizado um trabalho que estude o psiquismo decorrente do modo de vida dos sujeitos e os façam desenvolver uma

consciência como sujeitos históricos e comunitários (Góis apud Ximenes, Paula & Barros, 2009).

Como o início da prática clínica representa um momento delicado e um marco na formação do psicólogo, é importante ter atenção a alguns aspectos que influenciam esse processo, como o posicionamento do supervisor, na figura de alguém que fornece um ambiente suficientemente bom ao estagiário, e a constituição do grupo de supervisão, como espaço que viabiliza a formação do estagiário em suas diversas vicissitudes (Sei & Paiva, 2011).

Para tanto, é importante fazer uma breve retrospectiva histórica para se compreender a cientificidade da Psicologia, sobretudo no que se refere a compreensão dessa evolução para se chegar a importância da orientação/supervisão na formação profissional.

A psicologia está presente no mundo desde 700 a.C. a partir do surgimento da ideia do pensamento humano, que tem seu momento de ápice entre os gregos. Foram os filósofos gregos que inicialmente tentaram estruturar a Psicologia, a partir da ideia de alma ou espírito como parte imaterial do homem. Desde então um grande percurso foi traçado até o ano de 1875, onde finalmente a Psicologia passou a ser considerada uma área da ciência, quando Wilhelm Wundt fundou primeiro laboratório de Psicologia na Alemanha. Esse momento da história representa o afastamento da Psicologia espiritualista e a aproximação da ideia do indivíduo como um alguém capaz de se responsabilizar por suas próprias questões (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

Após a constatação da Psicologia como campo científico, outro longo caminho foi percorrido para que a formação na área fosse possível. Antes de haver uma legislação que enquadrasse a Psicologia na qualidade de profissão, outros profissionais (médicos, filósofos, pedagogos) eram treinados para a prática psicológica. Isso tornou-se crescente no Brasil, fazendo com que o controle em relação à formação dos profissionais fosse perdido, o que gerou a necessidade de organizar, controlar e viabilizar estas práticas, possibilitando ainda que a imagem da profissão em ascensão fosse firmada. A partir disso, no ano de 1962 foi sancionada a lei que regulamenta a profissão de Psicólogo, emancipando a profissão e resguardando as práticas voltadas para a avaliação psicológica somente aos profissionais da área (Amendola, 2014).

No que concerne à formação do profissional da Psicologia, diversas possibilidades de atuação são ofertadas a partir de abordagens que norteiam o trabalho do psicólogo, o que define estas alternativas são as instituições as quais os cursos estão

vinculados. Em relação à Universidade Federal de Campina Grande, as abordagens norteadoras do curso de Psicologia, as quais são abordadas no seguinte trabalho, são: Psicanálise, Abordagem centrada na pessoa, Logoterapia, Psicologia da saúde (psicoterapia breve), Psicologia Comunitária e Psicologia Organizacional. As formas de manejo de cada abordagem são diferentes e pode-se perceber isto, desde a própria teoria que elas trazem, à prática, que será trazida posteriormente.

No que diz respeito à Psicanálise, temos sua prática profissional voltada ao autoconhecimento, promovendo a “cura” através deste. Ela pode ser usada como base para psicoterapias, aconselhamento, orientação; inclusive com grupos e instituições. Diferentemente do modelo inicial psicanalítico – centrado na clínica -, hoje em dia, a Psicanálise é um instrumento importante para a análise e compreensão de fenômenos sociais relevantes: as novas formas de sofrimento psíquico, o excesso de individualismo no mundo contemporâneo, a exacerbação da violência etc. (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

Já a prática clínica da Logoterapia, se caracteriza pela exploração da experiência imediata, baseada na motivação humana para a liberdade e para o encontro do sentido de vida. Ela é uma psicoterapia orientada para o espírito, tendo como objetivo a conscientização do espiritual, o que leva o homem a reconhecer-se como ser-responsável, enquanto fundamento vital, perante um sentido (Moreira & Holanda, 2010).

Trazendo a Abordagem Centrada na pessoa, tem-se uma corrente humanista, a qual surgiu (no final da década de 1950 e início da década de 1960) através das críticas a respeito da Psicanálise e Behaviorismo, que dominavam o cenário da Psicologia da época. Carl Rogers, fundador da Abordagem Centrada na Pessoa, nos traz que o sujeito não é paciente (ideia de passividade), mas detentor de seu tratamento, denominando-o cliente. Esta abordagem se utiliza de três conceitos norteadores - congruência, empatia e aceitação incondicional -, o que acaba por defender que o terapeuta deve assumir uma atitude de sinceridade entre o que fala e o que sente, deve tentar entender ao máximo o que o cliente traz e aceitá-lo como ele é (Tambara, Freire & Bozarth, 1999).

Na área Social e da Saúde, tem-se um modelo que faz uso de uma concepção fragmentada da saúde, fazendo com que a atuação da psicologia social nesta ênfase traga novas práticas de saúde mental, viabilizando o tratamento a partir de procedimentos e técnicas diferentes das do modelo clínico tradicional (Yépez, 2001). Se tratando da Psicoterapia breve, especificamente, a duração da sessão não é definida, mas

tem como principal característica, um menor espaço de tempo. Assim, é necessário que haja planejamento do terapeuta, para que seja possível o alcance do ponto de chegada por parte do paciente. Esta abordagem é bastante utilizada em contextos hospitalares onde a rotatividade de pacientes é bastante presente (Simon, 1990).

Já enquanto a Psicologia Comunitária tem-se uma área da Psicologia Social, que estuda o psiquismo decorrente do modo de vida da comunidade, de forma que os indivíduos desenvolvam sua consciência como sujeitos históricos e comunitários, através de um esforço interdisciplinar, perpassando a organização e o desenvolvimento dos grupos e da comunidade (Góis apud Ximenes, Paula & Barros, 2009).

E por fim, a Psicologia Organizacional que volta o olhar para o trabalho, como algo fundamental na vida das pessoas, trazendo consequências para a sua integridade física, psíquica e social. Assim, se o trabalho constituir-se como uma atividade produtiva, assegura a saúde, em contrapartida, se houver condições precárias e falta de oportunidades de se desenvolver profissional e pessoalmente, contribui para o adoecimento (Mendes & Cruz, 2004 apud Gibert & Cury 2009).

O estágio na Universidade Federal de Campina Grande ocorre nas áreas mencionadas acima, e exige, bem como em todas as universidades, supervisão em áreas diversas da Psicologia, necessitando, portanto, de um supervisor com competência para administrar as técnicas e orientações pertinentes a uma área determinada (Costa Júnior & Holanda 1996; Silva Neto & Oliveira, 2015).

A supervisão de estágio se caracteriza como um território educativo que possibilita a troca de experiências entre os estudantes estagiários, a instituição e o saber dos supervisores. Na formação em Psicologia, a supervisão é obrigatória e se caracteriza pelo acompanhamento dos estudantes no desenvolvimento da sua prática profissional, de modo que possam experimentar situações que gerem reflexão sobre a prática, a formação e as relações estabelecidas no âmbito da supervisão (Silva Neto & Oliveira, 2015).

O processo de supervisão do futuro profissional psicólogo pode ser alienante ou conscientizador, e o supervisor tem papel fundamental nisso, pois ele é responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades desenvolvidas pelos estagiários, unindo teoria e prática, para que haja o desenvolvimento de competências do exercício da profissão. Sua prática deve motivar a autonomia do psicólogo em formação e a reflexão crítica da profissão, nos âmbitos sociais. (Barletta, Fonsêca, & Delabrida, 2012; Sakamoto, 2006; Silva, Ribeiro, & Marçal, 2004; Silva Neto & Oliveira, 2015).

Assim, pode-se dizer que o exercício do estagiário, juntamente com a supervisão, fomenta o terreno da orientação e possibilitam a construção de novas práticas profissionais. (Costa Júnior & Holanda, 1996; Silva Neto & Oliveira, 2015).

Nesta perspectiva, Barreto e Barletta (2010) enfatizam a supervisão como uma das ferramentas mais importantes para a formação de terapeutas. O desafio de haver uma definição, devido à diversidade de variáveis envolvidas, é considerado “fundamental”, “imprescindível”, “essencial” e “importante”. A supervisão se mostra como auxílio para os estagiários compreenderem como se dá o processo psicoterapêutico e eles têm a possibilidade de, não apenas serem norteados pela teoria (como acontece antes de chegar ao campo de estágio), mas também pelo supervisor/orientador que, com sua prática de docência - e também existencial, de quem já esteve no campo -, pensa aquela demanda junto com o aluno, dando direcionamentos para se pensar procedimentos terapêuticos e também, verificando a demanda do campo, possibilita estratégias de intervenção, para além das que já existem.

No âmbito social, a supervisão permite que haja uma interação entre o campo e a academia, de uma forma que demanda planejamento – o que pode trazer uma ideia de controle, mas que também, pode trazer conflitos, pela possibilidade de emergirem questões com as quais, o estagiário não teve contato antes, e que portanto, foge ao controle de seu supervisor/orientador, o manejo da supervisão (de forma objetiva). Essa seria exatamente, uma das funções da supervisão, pelo menos de acordo com a Abordagem Centrada na Pessoa, que traz a função experiencial do estagiário, na supervisão, como um elemento que auxilia a sua relação com o cliente, por fazê-lo ter mais clareza de suas percepções, sentimentos e atitudes no processo terapêutico. (Morato, 1989)

A partir da compreensão de subjetividade acerca do tema, supõe-se que a forma dos professores conduzirem a supervisão é singular, e traz elementos que podem ser somados ou substituídos a outras práticas. Mas independente da abordagem, é enfatizada a importância de estar em terapia, concomitantemente às supervisões. A este respeito, Kichler e Serralta (2014), realizaram um estudo acerca das implicações da psicoterapia pessoal na formação em Psicologia, cujos resultados indicaram que a busca da psicoterapia pessoal está vinculada às práticas de estágio e complementa a formação acadêmica, gerando principalmente o autoconhecimento, aspecto tão apontado nas falas da amostra.

Carneiro (2009) nos traz que a ação clínica proporciona o acesso para a aprendizagem significativa, pelo fato da clínica ser uma abertura à experiência. Para isso, é necessária uma apropriação de conhecimentos, mas para além, é necessária uma abertura para o “pré-reflexivo”, que seria uma aprendizagem autodescoberta através da experiência. Assim, tem-se a prática clínica como algo singular, algo que se descobre através da experiência, que permite que cada pessoa o faça e, na supervisão, reflita sobre o seu próprio fazer clínico. (Carneiro, 2009)

Na proposta de estágio, tem-se o quanto é fundamental essa junção teórica e prática, e pode-se perceber que isso é algo enfatizado na supervisão. Mas embora seja fundamental ter os conhecimentos teórico-técnicos, há espaços que só são preenchidos através da prática. Carneiro (2009) nos traz esses espaços, nomeando-os como espaços de “incerteza” e “singularidade”, necessários serem contemplados, buscando capacitar as pessoas a lidarem com as demandas da contemporaneidade. Na maioria dos discursos das supervisoras/orientadoras, elas trazem a supervisão como momento de implicação, de reflexão sobre sua prática, momento em que o estagiário vai se deparar com questões delicadas dele mesmo, e que tudo isso faz parte do processo de supervisão.

Considerando que a primeira experiência clínica acontece dentro do contexto acadêmico, além de todas as questões ligadas à prática do estagiário - na construção de sua prática clínica-, também está em jogo a avaliação do aluno. Por ser uma experiência nova e desconhecida, pode acabar sendo difícil para o aluno, imaginar, através de quais critérios ele está sendo avaliado (Aguirre, 2000).

O desempenho clínico do aluno não deve ser avaliado, por questões singulares, que impedem de haver um modelo de intervenções “corretas” ou “incorretas”, no fazer clínico. Até porque, como nos traz Aguirre (2000), se estes fossem os critérios, o estagiário estaria à mercê da subjetividade ou das idiossincrasias do supervisor, pois aspectos como estes dificilmente seriam mensuráveis.

Desta forma, os critérios de avaliação utilizados dizem respeito à frequência, pontualidade nas supervisões e nos atendimentos, cumprimento de tarefas e sua qualidade, assim como prazos estabelecidos no curso. Assim, é de suma importância o uso de várias ferramentas e instrumentos para a condução, inserção e avaliação dos estudantes no campo de estágio. Este dado demonstra a prática de uma avaliação construtivista e que deve ser considerada exemplo para uma formação qualitativa e saudável, haja vista não haver pressão direcionada aos alunos, facilitando assim o auto compromisso e autonomia dos mesmos.

Barletta, Fonseca & Delabrida (2012) trazem as perspectivas do supervisor e do supervisionando a respeito do processo de supervisão, constatando que para ambos, a supervisão deve ter como objetivo a facilitação da prática profissional, estimulado por meio de várias estratégias didáticas. Alguns dos aspectos que emergiram neste estudo, em relação a dificuldades, foram: o pouco tempo de supervisão, o excesso de atendimentos e a interferência institucional.

Assim, verifica-se a diversidade de aspectos que permeiam o processo de supervisão, e para tanto, há relevância de se investigar suas peculiaridades, nos serviços-escola de Psicologia no país. (Oliveira et al 2014).

De acordo com Leibel (2002) apud Souza e Souza (2012), a experiência com a prática é muito importante no momento em que se decide que área seguir, pois ela é uma possibilidade de estabelecer conexões entre o aprendizado teórico-metodológico e a atuação profissional, contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade profissional.

Um dos aspectos que deve ser considerada é a diversidade de campo, permitindo que os alunos tenham a liberdade de escolher a área na qual eles querem estagiar - o que já pode ser ocasionado de uma identificação ou curiosidade com a área em questão-, podendo ajudá-lo na sua prática.

Um outro ponto considerado como facilitador ao processo de supervisão, é a forma de organização do Serviço-escola de Psicologia, tanto em relação ao seu funcionamento, como também dando um suporte ao campo, através de capacitações, dentro da própria Universidade.

Senra e Guzzo (2012) nos trazem alguns dilemas da atuação dos psicólogos, e que perpassam todo o contexto da assistência social, que são as repercussões que estes sofrem, como mudanças administrativas e impactos da falta de investimento em infraestrutura (na comunidade e no próprio serviço). É uma grande contribuição, por parte da academia, pois com nos traz Vieira (2015), é necessária a capacitação do servidor, de forma que sejam atendidas suas necessidades individuais, pois isso promove a auto realização. Uma vez que o indivíduo a alcança, busca aprimorar os conhecimentos – no ambiente organizacional, através de capacitação e enfrentamento de novos desafios.

Percebe-se, através do disposto acima, que deve haver um planejamento e organização por parte dos supervisores/orientadores, tanto em relação ao funcionamento do próprio Serviço, como em contrapartida com a comunidade/campo de estágio.

Em relação às dificuldades que aparecem, quando se trata da prática de estágio, uma palavra que merece destaque é “desarticulação”, aparecendo relacionada à uma não integração – no sentido interdisciplinar -, com os outros cursos da mesma e entre o próprio curso de Psicologia, tanto entre os supervisores, quanto com toda a equipe que compõe o Serviço de Psicologia (inclusive estagiários), de forma que proporcione compartilhamento de conhecimentos, e discussões acerca dos casos e do funcionamento do próprio Serviço. Essa desarticulação também se estende a própria necessidade dos alunos e com os acontecimentos do campo, a demanda da própria sociedade, e um “afastamento” da rede, de forma que acaba por dificultar encaminhamentos, e até impede que o aluno possa estagiar em outros serviços que façam parte dessa rede, que esteja relacionada a seu campo de estágio.

A interdisciplinaridade é um desafio, na medida em que há diferentes opiniões a respeito, porém, só se pode trazer a tona este tema, quando há uma interação das disciplinas, que acontece em prol de um objetivo comum. Busca-se, então, um diálogo com outras formas de conhecimento e metodologias, com a meta de construir um novo conhecimento (Vilela & Mendes, 2003 apud Meireles, 1999). É percebido uma fragilidade de integração dentro do próprio curso de Psicologia, o que dificulta ainda mais a realização de uma interdisciplinaridade, envolvendo os demais cursos da mesma área. Assim, deixa de haver a discussão de casos e construção de um novo conhecimento, que possa auxiliar na resolução de problemas, que demande uma integração em rede.

A burocracia aparece é um outro fator que pode dificultar, pois as vezes acaba atrasando a possibilidade do aluno iniciar sua prática – por ter que ficar à mercê de termos, assinaturas e seguros, que por vezes demoram. E também aparece como algo que pode ser prejudicado, quando se trata de serviços públicos, por exemplo. Então, muitas vezes, embora a parte burocrática esteja seguindo o que é exigido, o estagiário é prejudicado de acordo com o funcionamento do serviço e/ou servidor público.

O Estágio Supervisionado faz parte do projeto pedagógico de cada curso, sendo atividade de responsabilidade da Instituição de Ensino, à qual compete a decisão sobre a matéria. Em relação ao Estágio Obrigatório, especificamente, tem-se que é definido no projeto pedagógico de cada curso, como componente curricular específica, com carga horária necessária para a obtenção do diploma. Dentre as características institucionais do Estágio obrigatório, pode-se mencionar algumas: ele é realizado com o acompanhamento do orientador, docente da Universidade; o estagiário deve estar

matriculado na componente curricular Estágio, tendo como requisitos definidos no projeto pedagógico do curso – o qual é aprovado na Câmara Superior de Ensino; em relação a contratação do seguro contra acidentes pessoais poderá ser feita pela Instituição de Ensino ou pela concedente; é celebrado, mediante existência de convênio, plano de atividades e termo de compromisso de estágio.

Levando em consideração a parte burocrática, como contratação de seguro contra acidentes e o fato do estágio só pode acontecer mediante a celebração de termos de compromisso e plano de atividades, o qual deve ser aprovado inicialmente, passar pelo professor orientador, supervisor de campo, pelo próprio estagiário – que pela (grande) demanda de todos os estágios, por vezes acaba atrasando a celebração de tais termos, inviabilizando que o estagiário já esteja em campo realizando suas atividades. Isso vai de acordo com uma das grandes dificuldades relatadas pelas supervisoras/orientadoras de estágio, pois este atraso, por vezes, atrelado também às imprevisibilidades do campo de estágio, faz com que, o aluno tenha que se deparar com uma execução de carga horária incompatível com a necessária para o componente curricular.

Um outro aspecto que merece destaque é a não discussão acerca de suas teorias, antes de chegar no campo de estágio - quando muitas vezes, ao invés de o aluno ter se utilizado de uma aproximação para sua escolha teórica, ele se depara pela primeira vez com o conteúdo, sendo, portanto, necessário haver um tempo dedicado aos estudos, antes de ir a campo.

Tais discursos apontam para um aspecto interessante a se pensar, que é quando Abdalla et al (2008) nos traz que a estruturação da proposta curricular pode ser influenciada diretamente pela cultura institucional, o que se torna um ponto negativo pela possibilidade de acabar atendendo somente uma linha teórica, e isto impede que os alunos vivenciem diferentes modalidades do exercício da prática clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A supervisão se caracteriza como um território educativo, que possibilita troca de experiências entre os estagiários, a instituição e o saber dos supervisores. Dessa forma, a partir do que foi apresentado no decorrer deste estudo foi possível perceber, que a supervisão vai além de uma articulação entre teoria e prática, ela é um espaço de diálogo e reflexão a respeito das práticas realizadas – não como certas ou erradas, que pode trazer a tona diversos conflitos em relação à teoria, de forma que o estagiário descubra o seu próprio fazer clínico/social.

Durante a pesquisa sobre uma definição de supervisão, surgem elementos ricos e subjetivos, convergentes na falta de uma definição objetiva, e até sendo pontuada que a diferença de manejo vai para além de posicionamento teórico, epistemológico e metodológico. Ela serve, portanto, não só para resguardar a qualidade do atendimento, mas permite também, que o estagiário traga os medos e anseios, quanto aos atendimentos realizados – o que faz da supervisão, um momento clínico. Por conta disto, podem surgir elementos que façam os estagiários se depararem com questões que até então, não haviam sido confrontadas.

Em relação à avaliação, foi identificado que o desempenho clínico do aluno não é avaliado, e esta não acontece em um período específico ou de uma forma objetiva, e sim de forma mais processual, considerando a “implicação” do aluno com o estágio.

No que diz respeito à prática de estágio, foram observadas dificuldades, como desarticulação dentro do próprio curso e entre os demais cursos, bem como na rede que integra a prática do estagiário; a burocracia, que acaba atrasando a prática de estágio; e o fluxograma, que aparece como ponto negativo, na medida em que são oferecidos campos de estágios, nos quais os alunos tiveram pouco contato com a abordagem em questão, ou as vezes, se deparam com a falta da mesma, sendo necessário haver um estudo teórico aprofundado, antes de entrar em campo. Apesar disto, há uma diversidade de campo, que permite que os alunos tenham liberdade para escolher a área na qual vão estagiar, há um planejamento e organização (por parte das supervisoras/orientadoras), tanto em relação ao próprio serviço, como em contrapartida com a comunidade.

Por fim, conclui-se, que ainda que não haja um modelo ideal operacionalizado de orientação, ela é um dos principais pilares na prática de estágio. Juntamente com a importância da orientação, foi percebida a importância da teoria e dos estagiários estarem em processo de psicoterapia.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Abdalla, I. G., Batista, S. H., & Batista, N. A. (2008). *Desafios do ensino de psicologia clínica em cursos de psicologia*. *Psicologia: ciência e profissão*, 28(4), 806-819.
- Aguirre, A. M. (2000) *A Primeira Experiência Clínica do Aluno: Ansiedades e Fantasias Presentes no Atendimento e na Supervisão*. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2(1), 3-31.
- Amendola, M. F. (2014) *Formação em Psicologia, Demandas Sociais Contemporâneas e Ética: uma Perspectiva*. *Psicologia: Ciência e profissão*, 34(4), 971-983.
- Barletta, J. B., Fonsêca, A. L. B., & Delabrida, Z. N. C. (2012) *A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental*. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(3), 153-67.
- Barreto, M. C., Barletta, J. B. (2010). *A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando*. *Cadernos de Graduação: ciências biológicas e da saúde*, 12(12), 183-202.
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2001) *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia*. Saraiva: São Paulo.
- Carneiro, V. T. Como nos tornamos psicólogos clínicos?. In: Morato, H. T. P., Barreto, C. L. B. T., & Nunes, A. P. (2009). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial*. Guanabara Koogan.
- Costa Júnior, A. L., & Holanda, A. F. (1996) *Estágio em psicologia: discussão de exigências e critérios para o exercício de supervisor de estágio*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 16(2), 4-9.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. S. (2009) *Métodos de Pesquisa*. Série Educação a distância, (2), 31-33.
- Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas, (4), 41.
- Kichler, G. F., & Serralta, F. B. (2014). *As Implicações da Psicoterapia Pessoal na Formação em Psicologia*, 45(1), 55-64.
- Morato, H. T. P. (1989). *Refletindo sobre supervisão*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 38.
- Moreira, N., & Holanda, A. (2010). *Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa*. *Psico-USF*, 15(3), 345-356.
- Oliveira, M. de S., Pereira, R. F., Peixoto, A. C. A., Rocha, M. M. De., Oliveira-Monteiro, N. R. De.; Macedo, M. M. K., & Silveiras, E. F. de Mattos. (2014).

Supervisão em Serviços-Escola de Psicologia no Brasil: Perspectivas dos Supervisores e Estagiários. 45(2) 1-9.

- Pró Reitoria de Ensino – UFCG (2017). *Estágios e Convênios*. Disponível em: <<http://pre.sti.ufcg.edu.br/pre/estagios-e-convenios?showall=1>>
- Sakamoto, C. K. (2006). *Foco e estratégia da supervisão clínica em psicoterapia breve*. Cadernos de Psicopedagogia, 6(10).
- Sei, M. B., & Paiva, M. L. de S. (2011). *Campos. Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor*. Psicol. Ensino & Form, 2(1), 9-20.
- Senra, C. M. G., Guzzo, R. S. L. (2012). *Assistência social e psicologia: Sobre as tensões e conflitos do psicólogo no cotidiano do serviço público*. Psicologia & Sociedade, 24(2), 293-299.
- Silva, S. M. C., Ribeiro, M. J., & Marçal, V. P. B. (2004). *Entrevistas em psicologia escolar: reflexões sobre o ensino e a prática*. Psicologia Escolar e Educacional, 8(1), 85-90.
- Silva Neto, W. M. F., Oliveira, W. A. de. (2015). *Práticas do Supervisor Acadêmico na Formação do Psicólogo: Estudo Bibliométrico*. Psicologia: Ciência e profissão, 35(4), 1042-1058.
- Simon, R. (1990). *Psicanálise e Psicoterapia breve*. Psicologia USP, (1) 93-96.
- Souza, M. F. de., & Souza, R. L. (2012) *O processo de escolha da área de atuação pelo graduando de psicologia*. Revista Kaleidoscópio.
- Tambara, N., Freire, E., & Bozarth, J.D. (1999). *Terapia centrada no cliente*. DELPHOS: Porto Alegre, (1) 33-35.
- Vieira, C. (2015). *A importância de capacitar o servidor público para obter melhorias na gestão*. II Congresso Nacional do Projeto Rondon. Florianópolis, SC.
- Vilela, E. M., Mendes, I. J. M.(2003). *Interdisciplinaridade e saúde: Estudo bibliográfico*. Rev Latino-am Enfermagem, 11(4), 525-31.
- Ximenes, V. M., Paula, L. R. C. de, & Barros, J. P. P. (2009). *Psicologia comunitária e política de assistência social: diálogos sobre atuações em comunidades*. Psicologia: Ciência e Profissão, 29(4), 686-699.
- Yépez, M. T. (2001). *A interface psicologia social e saúde: Perspectivas e desafios*. Psicologia em Estudo, Maringá, 6(2), 49-56.